

Celso Japiassu

Copacabana

Diário dos Instantes Fugazes

Para Brigitte, que me trouxe para Copacabana.

Para Léa Maria, que me pressionou para publicar este diário.

Para os anônimos da Rua Barata Ribeiro.

SÁBADO, 3 DE JANEIRO

O Morro do Inhangá

Do branco areal do século XIX sobrou uma praia em forma de tripa que já não é tão branca. Cercada de morros, Copacabana abriga as contradições de um país contraditório. Na Avenida Atlântica, os ricos escutam o barulho do mar enquanto os pobres se espremem nas favelas dos morros dos Cabritos, São João e Santa Marta, os que se avistam daqui de onde estou, no Morro do Inhangá.

Este morro tinha antes uma enorme pedreira que foi demolida para abrir a Nossa Senhora de Copacabana e construir o Edifício Chopin, ao lado do Copacabana Palace. O morro permanece, escondido por uma cerca de edifícios.

Dizem que a palavra Inghaná vem do tupi-guarani Anhangá e significa espírito ruim. Era em cima daquela pedreira que os raios caíam durante as tempestades.

SÁBADO, 10 DE JANEIRO

As tribos

As variadas tribos de Copacabana validam a palavra diversidade, que anda na moda quando se fala de uma sociedade moderna que aceite de bom grado o direito das minorias. Pois minorias é o que não falta no bairro. A primeira delas é a dos velhos que habitam os prédios antigos e formam a primeira referência. Exibem sua pobreza e uma certa dignidade nos supermercados, nos bancos, nas festas e nas ruas distantes da praia. Eles vieram para cá nos anos cinquenta, antes que Ipanema e Leblon despontassem como áreas residenciais e muito antes da Barra, o enorme areal hoje ocupado pela classe emergente dos subúrbios.

Tem os boêmios que enchem os bares da noite e, entre as profissões noturnas, ainda se destacam as jovens prostitutas e prostitutos que fazem ponto na Avenida Atlântica. Um garçon me chamou a atenção para a raridade das velhas putas de antigamente porque as de hoje tomam drogas e morrem cedo.

Há o mundo, o submundo, os atletas, as favelas, os jogadores de cartas das praças públicas, os pequenos e os grandes ladrões, criminosos e policiais de todos os matizes. Todos vivendo juntos. Cento e cinquenta mil pessoas em 79 ruas, sem contar os turistas e os que vêm de outros bairros e enchem a praia no fim-de-semana.

Hoje, um dia quente, o bairro ferve, os bares lotam, as

mulheres se despem em Copacabana, o mais cosmopolita e democrático e também o mais humanamente rico dos bairros da cidade.

SÁBADO, 17 DE JANEIRO

O Pavão Azul

Os mortos muitas vezes influenciam ou dirigem as nossas ações. Foi a lembrança de dois amigos mortos que me levou ao Pavão Azul, na esquina de Hilario de Gouveia com Barata Ribeiro, bem em frente à 12ª Delegacia. É o único prédio policial do Rio que não tem portas, Por isso dizem que está permanentemente, de portas abertas.

O Pavão ocupa uma pequena loja, muito estreita, e parte da calçada. São cerca de cinco mesas dentro da loja e outras cinco ou seis na calçada. Ontem, exibia no quadro-negro um belo cardápio: feijoada, frango assado, filé de linguado, risoto de camarão – na verdade, arroz com camarão, mas de grande beleza – bife à milanesa, filé de frango, carne assada. Estava lotado.

Consegui uma mesa espremida contra o balcão, garanti uma feijoada e, um pouco antes das três da tarde, Dona Vera, a proprietária, anunciou “a feijoada acabou”. E veio pequeno, doloroso e decepcionado alarido de várias mesas recém chegadas: óóóó!

O Pavão Azul é um botequim de grande qualidade, um *bistrô à la ancienne*, como diriam os sofisticados franceses.

João Antonio estava certo, Mario Rubens tinha razão.

SEXTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO

Calor

A temperatura alta do verão carioca, a umidade do ar e o sol forte desses dias me fazem lembrar um texto de Borges que fala da humilhação do calor. Acho que é isso: o calor humilha as pessoas, a roupa se cola ao corpo e o suor desce pelo rosto. Você se sente como se carregasse bolas de ferro amarradas aos tornozelos. Todos reclamam do calor, uma mulher se abana de maneira nervosa e um camelô vende leques na calçada.

Uma amiga que nasceu e vive na Europa me disse um dia que a lembrança mais forte dos dias que passou no Rio, durante um mês de fevereiro, era a de uma gota de suor que lhe escorria, permanentemente, espinha abaixo. No calor europeu do mês de junho, não há suor. A baixa umidade do ar provoca um calor seco e sufocante.

O Rio é uma cidade que vive o verão. É quando ela mostra sua face verdadeira, regurgita, festeja e, literalmente, põe o bloco na rua em desfiles carnavalescos que começam desde janeiro. De abril a setembro, a cidade hiberna, esperando estes meses quentes de praias cheias, asfalto amolecido, bares com todas as mesas ocupadas, mulheres seminuas, samba e calor humilhante.

DOMINGO, 8 DE FEVEREIRO

Sonhos

Quando sonhamos, dá-se o despertar da nossa vida inconsciente. Quando conseguimos nos lembrar do que sonhamos, nem sempre a lembrança é de conteúdo lógico, que possa um desenrolar capaz de ser contado, algo que tenha começo, meio e fim. São sensações, visões e emoções encadeadas que formam estranho painel refletindo essa misteriosa vida que existe por baixo da nossa vida consciente. Não há tempo nem espaço definidos, só vivências interiores, longas e extraordinárias, que podem ocorrer durante o cochilo que dura apenas um segundo, o tempo de um cabecear, mas onde se sucedem experiências que parecem prolongadas num tempo infinito.

Parece que sonhamos durante o sono mais leve, aquele que surge logo que adormecemos e que retorna pouco antes do despertar. Do sonho do sono profundo, nada fica em nossa memória consciente. Mas desconfio que muitas das nossas reações espontâneas, os rápidos reflexos que às vezes possuímos diante da vida, muitas das resoluções que nos ocorrem diante de problemas complicados, são todos construídos pelas vivências que sonhamos, em sua linguagem irracional e fora do mundo lógico.

Penso que se todos os nossos sonhos durante o sono profundo fossem lembrados, seríamos levados a

confundir a realidade com o mundo onírico. Não é isto o que ocorre com os loucos?

SEXTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO

A mulher ao lado

A mulher na mesa ao lado jura que é fiel. Ela é feia. O homem que a escuta também é feio. Ela fala sem parar e o homem escuta calado. Ela diz que tem o hábito da fidelidade e afirma que é fiel a sua geladeira e ao seu micro-ondas. A meu marido, ela diz, sou fiel até debaixo d'água. Penso no que faria uma pessoa ser fiel a uma geladeira e a um micro-ondas ou ser fiel ao marido debaixo d'água.

Estou almoçando sozinho, tento retirar minha atenção da mesa ao lado e não consigo. Ela fala alto, a voz é desagradável, de modo que continuo a acompanhar a sua vida. Não gosta de cebola, não consegue entender por que botam cebola na salada, chama o garçon e manda que retirem a cebola da salada, diz que não sei quem do Big Brother é mau caráter, vai passar o carnaval em Araruama e sua irmã, aquela piranha, vai sair numa escola de samba.

Ela continua falando, o homem feio escuta, consigo me desligar da sua conversa pensando em outras coisas e só agora me lembrei da sua voz desagradável e me pergunto se ela estava tentando impressionar o homem sentado a sua frente. Ou se ele era o marido a quem ela era fiel até debaixo d'água.

QUINTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO

Ecos do carnaval

O fim do carnaval traz uma certa atmosfera de paz à cidade que tanto se agitou durante quatro dias seguidos. Pelo que fiquei sabendo, o carnaval de rua reaparece aos poucos e a festa, no Rio de Janeiro, não fica mais restrita à Marquês de Sapucaí. O desfile das escolas de samba é uma exibição elitizada, comandada pelos chefões do jogo-do-bicho onde se misturam crime, governo e sociedade numa união promíscua que exigiria uma certa reflexão.

Por falar em elitização do carnaval, no de Salvador um abadá – mortalha de luxo exigida de quem pretende acompanhar um bloco – chegou a custar, este ano, R\$840. Por dia.

Aqui em Copacabana, passaram pela rua muitos blocos puxados por carros de som, formados por foliões pobres, maltrapilhos de verdade, não era fantasia, junto com alguns turistas muito brancos, avermelhados de sol.

Enfim, acabou a festa. E eu continuo pensando no que faz uma pessoa animar-se toda, dar um salto e sair pulando ao ouvir os primeiros acordes de “Mamãe eu quero mamar”.

SEXTA-FEIRA, 13 DE MARÇO

Os melhores meses do ano

Uma cidade que vive para o verão mas que tem nos meses de maio e de setembro os seus mais belos dias. Metrópole construída nos trópicos, ampliada sobre aterros e terras roubadas ao mar, o Rio sofre com inundações, deslizamentos e o forte calor que faz de novembro até abril. Só em maio a temperatura ganha graus civilizados, amenizada pela brisa fresca, pelo céu azul e pelas marés claras e tranquilas.

Em setembro, novas ondas de claridade e brisa lembram que é primavera, apesar de as mudanças sazonais não serem tão marcadas em nosso hemisfério. Uma velha senhora, nascida na Alemanha, me disse que no Brasil não se tinha a noção verdadeira da passagem do tempo, porque não se notava a troca das estações. Ela tinha envelhecido e não percebera.

A cidade se despede do verão em maio e espera por ele em setembro, pois é no verão que vive e se agita, regurgita e recebe seus visitantes. Mas ela se mostra melhor na despedida e antes do reencontro com a estação que mais ama.

Penso em maio e em setembro, nesses dias de sofrimento com as selvagens temperaturas das últimas semanas.

TERÇA-FEIRA, 17 DE MARÇO

Ladrões

Três ventanistas em plena atividade foram presos esta semana, fico sabendo pelo comentário do policial, no botequim em frente à delegacia. Um em Santa Tereza, outro no Leblon e um terceiro em Piratininga. Depois de escalarem a parede, entraram pela janela para furtar. O de Piratininga, cansado, resolveu se estender um pouco e foi encontrado dormindo no sofá. A seu lado, o que havia reunido para roubar: um televisor, um aparelho de DVD, uma bicicleta, algumas roupas e um cortador de grama.

Esse tipo de ladrão que entra pela janela – ventana – está ficando fora de moda, pois a facilidade de ter uma arma e a violência das grandes cidades institucionalizaram o assalto brutal e homicida. É mais fácil, dá menos trabalho tomar a bolsa das mulheres no sinal de trânsito, armado com um revólver, do que escalar uma parede.

Não existem mais nem os ladrões pobres que roubavam galinhas, nem os artistas batedores de carteira que investiam tempo em treinar os dedos para que fossem sensíveis, leves e ligeiros.

TERÇA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 2009

A nossa guerra

Dois helicópteros sobrevoam Copacabana e lembram uma cena do Apocalipse de Francis Coppola. Um é da polícia, outro me parece estar a serviço da cobertura jornalística da televisão. Carros da PM passam velozes pela Barata Ribeiro com as sirenes ligadas. Na esquina da Siqueira Campos, quatro soldados tensos abordam um motociclista com pistolas apontadas e prontas para atirar. Levantam sua camisa, mandam-lhe retirar o capacete, pedem os documentos da moto. Negro e pobre, pálido de medo, poderia ser um bandido. Ou não, apenas um motociclista a caminho do trabalho.

Desde sábado ouvem-se tiros disparados na favela da Ladeira dos Tabajaras. Rajadas, estampidos soltos que ecoam na madrugada. Experimento em Copacabana a mesma sensação dos habitantes de Beirute, durante a guerra civil, e de Bagdá sublevada.

Esta no entanto é a nossa guerra, que nos habituamos a ver na televisão e a cada dia que passa chega mais perto de nós. A cada investida de um bando sobre outro, a cada intervenção da polícia, diante dos mortos e do medo das pessoas, nos perguntamos se esta guerra um dia terá fim. Penso que não, pelo menos enquanto as drogas, esta mercadoria valiosa e maldita, estiver sendo comercializada pelas associações criminosas criadas e nutridas nos guetos miseráveis da cidade.

QUARTA-FEIRA, 1 DE ABRIL

Embriaguez

Observo os três homens bêbados no botequim da Barata Ribeiro e penso que desde a antiguidade o homem aprendeu a fermentar e depois a destilar frutos e plantas para transformá-los em bebida e alterar seu modo de ver o mundo. As sociedades mais primitivas descobriram um modo de acelerar a fermentação mastigando os frutos e depois plantaram a vinha, que marcou um estágio mais avançado na civilização.

A bebida destilada veio com o domínio da tecnologia que acompanhou a industrialização. O resultado foi um produto mais concentrado do que o vinho ou a cerveja, portanto mais forte, com maior quantidade de álcool e que embriaga mais rapidamente.

O homem é um animal estranho. Descobriu uma maneira de mudar a percepção da realidade e fazê-la parecer melhor. Foi uma forma de fugir e ao mesmo tempo suportar o seu destino trágico.

QUARTA-FEIRA, 8 DE ABRIL

Proibido fumar

Quando hoje vejo fumantes acuados nas portas dos edifícios onde são proibidos de entrar, quando me lembro dos trepidantes anúncios de cigarros na TV e das coloridas fotos nas páginas nobres das revistas, ainda me surpreende a rápida derrocada do hábito de fumar.

Do símbolo de status e poder que exalava, do charme social que possuía, o cigarro foi reduzido em poucos anos a um vício mesquinho e doentio.

Quase todos os fumantes que ainda insistem nesse hábito pensam em deixá-lo mas sentem-se incapazes. A cada dia novas doenças são associadas ao fumo, além do câncer pulmonar sobre o qual parece não haver mais dúvidas. É o terror substituindo o charme.

Pergunto-me sobre o que restou dos quinhentos anos de prazer que o fumo trouxe à civilização, quando foi descoberto logo após a conquista do Novo Mundo. Apenas isso, o medo das doenças, a bronquite e o câncer?

QUARTA-FEIRA, 15 DE ABRIL

Ressaca

A ressaca que esta semana atormentou as praias fez pouca figura em Copacabana. As águas permaneceram praticamente em seus limites, ao contrário da invasão de pistas que ocorreu em Ipanema e no Leblon. De vez em quando o mar vem cobrar o que era dele, pois algumas centenas de metros lhe foram roubados em sucessivos aterros.

Copacabana, com sua população de idosos, é um bairro com alguns privilégios. Já disseram que é o mais apropriado para quem está ficando velho porque tem uma farmácia em cada esquina. E um botequim. Sua praia possui águas mais limpas. É a que menos sofre com as interdições intermitentes causadas pela poluição, pela invasão de algas ou adversas marés.

Vinha gozando de certa tranquilidade, até os recentes tiroteios na Ladeira dos Tabajaras. Tem a única delegacia inteiramente aberta e que nem portas possui, aquela da Hilário de Gouveia, em frente ao Pavão Azul.

DOMINGO, 19 DE ABRIL

Jota

Entre as centenas de mortos no trânsito das estradas, na cidade e na violência de cada dia, nenhum jornal noticiou a morte de Jota, que vivia na noite. Seu ponto era a esquina de Viveiros de Castro com Prado Junior, bem no meio da área onde a malandragem divide o espaço com os velhos moradores de Copacabana.

Jota foi encontrado debaixo de uma marquise com um tiro disparado à queima-roupa no meio da testa. Ele fazia a vida prestando pequenos serviços às garotas do Barbarella - ia à farmácia, fazia compras nas lojas noturnas da vizinhança. Dizem que também estava à disposição para subir o morro e buscar algum bagulho a pedido delas ou de algum cliente.

Gordo, pequeno, andava rebolando e tinha sempre o ar de riso. Vestia um paletó cinza menor do que o corpo e calças jeans sem cor e era este seu uniforme. Parado na esquina, gesticulando e falante, puxava conversa e conhecia pelo nome os motoristas de taxi.

QUARTA-FEIRA, 29 DE ABRIL

Calipígias

A Vênus Calipígia tinha nádegas perfeitas, que Zeus lhe proporcionou em troca de alguns prazeres ilícitos. A procura pelo modelo calipígio é constante entre as nossas mulheres, a ponto de um fabricante de jeans ter dito, certa vez, que o Brasil é o único país no mundo em que as mulheres se vestem olhando-se de costas para o espelho. Por isso a sua marca de jeans procurava modelar as nádegas e era um sucesso no mercado feminino.

Nas academias, a ginástica voltada para os glúteos é predominante e as mulheres lhe dedicam a maior parte do tempo dos exercícios.

Um paradoxo, no entanto, ameaça o corpo feminino idealizado quando os médicos dizem pelos jornais que as brasileiras estão, em média, acima do peso indicado tanto pela medicina quanto pela estética. Suas nádegas abundantes estão a ganhar volumes que ultrapassam o modelo de Vênus Calipígia. A deusa grega foi substituída por uma mulher chamada Melancia.

DOMINGO, 3 DE MAIO

Futebol

Com o jogo que decide o campeonato estadual, hoje à tarde, entre o Flamengo e o Botafogo, preparo-me para ouvir o alarido de Copacabana, caso o Flamengo faça gol. É impressionante o barulho do povo deste bairro diante dos gols marcados pelo Flamengo. Dá a impressão de que é o grito de toda a sua população, pois o estertor aproxima-se em ondas originadas no Posto Seis e vai até Leme. Um frêmito, uma algazarra de ruídos vocais sincronizados.

De onde vem, de que recônditos da alma humana vem essa paixão que o futebol desperta em nosso povo? Ser torcedor de um time equivale a doar a vontade à mística das cores de um símbolo que identifica um grupo de atletas de cujos pés depende a euforia de um momento que libera a força de emoções reprimidas.

Os gritos em plena rua, a alegria dos torcedores vitoriosos têm seu contraponto na tristeza profunda dos que viram seu time perder um jogo decisivo. Acho que é isso: o futebol permite a liberação das emoções primitivas que habitam o coração dos homens - alegria e ódio, amor e frustração.

QUARTA-FEIRA, 13 DE MAIO

Ruas vivas e mortas

Existem ruas vivas e ruas mortas. As de Brasília, como as da Barra da Tijuca, são ruas onde a vida não pulsa, onde se vê apenas o desfilar dos automóveis com seus passageiros isolados, prisioneiros entre vidros fechados e escurecidos de insulfim. São vias em que os sinais de trânsito, quando acendem os faróis vermelhos, transformam-se em paradas ameaçadas por assaltantes que podem saltar das sombras e nos levar a bolsa e a vida.

Nas ruas mortas não existem bares, nelas as mulheres não desfilam diante de olhares perturbados pelo desejo nem se vê nas esquinas o encontro de pessoas que há tempo não se viam e de repente uma surpreende a outra.

Existem ruas onde a vida se manifesta nas lojas, nos botequins e em todas as esquinas, onde as mesas de calçada permitem observar com tranquilidade o desfilar da comédia humana. A Barata Ribeiro e a rua do Catete são exemplos de ruas que vêm de outros séculos mas cuja antiguidade não lhes tirou a animação e a vida. Ao contrário, deu-lhes um estilo e algum orgulho de serem a prova de que houve uma forma diferente de viver uma cidade.

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE JUNHO

Mar ausente

Faz uns vinte anos, lí numa entrevista de Jacques Cousteau que não existiriam mais praias de areia branca em nenhum lugar do mundo. Em outra ocasião, assisti a uma conferência do Almirante Paulo Moreira da Silva, então presidente da Fundação de Estudos do Mar e ele chamava a atenção para o fato de que os oceanos tinham se transformado na lixeira do mundo.

Eram ambos estudiosos, homens que amavam o mar e eles tinham razão. O desprezo pelo mar e pelas praias é evidente e paradoxal na forma como o mar se distanciou das pessoas, numa cidade marítima como o Rio de Janeiro.

Em sucessivos aterros, na construção de arenas esportivas temporárias, nos shows musicais que reúnem multidões, tudo se faz para afastá-lo e torná-lo distante. Em gravuras antigas, mesmo aquelas que representam o centro do Rio, há sempre alguém sentado numa pedra, contemplando a beleza das águas. Hoje, vai-se de Copacabana ao centro da cidade e não se vê o mar.

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JUNHO

Proibições

O homem aspira à santidade e vive em busca de transpor as limitações do seu próprio corpo. Talvez tenha sido esta a grande descoberta dos profetas que fundaram religiões e dos aproveitadores que estão periodicamente criando novas seitas promovendo a salvação das almas.

O desprezo pelas limitações da matéria de que somos feitos é o que inspira os místicos e também os super-atletas que buscam superar a condição humana. A sociedade inteira se une em torno do Estado, cujo poder se caracteriza pela capacidade de nos obrigar a fazer algo mesmo contra a nossa vontade.

E somos obrigados a parar de fumar para que nos seja permitida a entrada em qualquer edifício. A nos manter abstêmios para dirigir um automóvel. E, a seguir as recomendações do Ministério da Saúde, usar preservativo para fazer sexo até com a própria mulher. Sem esquecer a enorme lista de alimentos que não se deve comer.

Proibição total aos prazeres humanos, é a palavra de ordem gritada em nossos ouvidos.

Foram estes os tópicos da nossa discussão, na tarde de hoje, no botequim da Barata Ribeiro, esquina de Paula Freitas.

QUARTA-FEIRA, 24 DE JUNHO

A mais velha

Depois de inaugurado o Túnel Novo, em 1906, Copacabana começou a se urbanizar e a receber seus primeiros habitantes. O enorme areal transformou-se num bairro independente e populoso que se estendeu na direção de Ipanema e do Leblon. Esta sequência na ocupação das praias tem a ver com a idade dos seus habitantes. Copacabana, a primeira a ser ocupada, tem hoje a população mais idosa.

E foi aquela também a sequência em que esses bairros estiveram na moda. Cada um foi chic a seu tempo. A ocupação da Barra transferiu para lá os grandes investimentos imobiliários, a população mais jovem e o aparecimento de um estilo de vida mais próximo de Brasília ou, como querem os seus habitantes, de Miami.

Copacabana, a mais velha, mantém seu estilo de vida próprio, que mistura decadência com tipos humanos de grande diversidade e com a multidão de turistas que se aglomeram à borda do mar.

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JUNHO

Marquinhos

Marquinhos é um maluco que ouve um velho rádio de pilha que não toca nada. Mas apesar do silêncio do rádio, ele dança assim mesmo. Balança as pernas, olha através dos edifícios para algum lugar do infinito e a expressão do rosto não denota qualquer prazer. Pelo contrário, a testa franzida demonstra mau-humor permanente.

Quando não está ouvindo o rádio encostado na orelha e dançando, xinga os passantes. Dirige a quem passa improperios terríveis e impossíveis de se compreender, pois são proferidos numa algaravia complexa e não articulada. Mas o som e o olhar arregalado e raivoso em que são proferidas, não deixam qualquer dúvida de que são palavras que estão abaixo do baixo calão.

Marquinhos não respeita ninguém e, de um lado da Barata Ribeiro, esculhamba quem passa na outra calçada. As vítimas dificilmente percebem que estão sendo atacadas numa linguagem falada em outra dimensão porque o barulho do trânsito abafa os outros sons da rua.

Há dias que não vejo o Marquinhos, alí entre a Paula Freitas e a República do Peru.

QUARTA-FEIRA, 8 DE JULHO

O filho de Fábio

Leio a notícia de que a PM vai aumentar seus efetivos nas ruas e me lembro do filho de Fábio.

Fábio é um engraxate que oferece seu serviço pelos bares de Copacabana. A pequena caixa que leva a tiracolo dispõe de todo o material necessário à boa execução do trabalho e ainda serve de suporte ao pé do cliente, num design improvisado e criativo.

Há um mês, o filho de Fábio jogava futebol com outros garotos da favela quando os soldados chegaram. Alguns correram para casa mas o filho de Fábio, que não tinha nada a temer, ficou onde estava. Levou um tiro na cara.

Era um bom garoto, diz Fábio. Nunca teve nada a ver com o crime. Tinha dezessete anos.

TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO

Está faltando um

Sentado numa mesa de calçada, com um copo na frente e um cigarro na mão, eu o via sempre pelos botequins da Barata Ribeiro. Cabelo cortado muito curto e penteado em direção à testa para esconder a calvície. Velho, pálido, quase amarelo, andava com bastante destreza na companhia da bengala que acompanhava seus passos curtos.

Era sem dúvida um boêmio das antigas, em fim de carreira. Sentava-se sempre só ou na companhia de outros três companheiros da mesma faixa de idade. Fumava, conversava e observava as mulheres. Mas a aparência denunciava que estava muito doente.

Faz semanas que não o vejo.

SEGUNDA-FEIRA, 31 DE AGOSTO

A viagem

Viajar de metrô dá sono. A qualquer hora do dia, tem sempre alguém dormindo, mesmo numa viagem de Copacabana à Estação Carioca, que dura 15 minutos. Algo acontece no terreno onírico dos viajantes e alguns não precisam mais do que um assento desconfortável, entre dois outros passageiros, para relaxar e dormir.

Há quem durma em pé, segurando uma barra de sustentação, e quem durma de olhos abertos, olhando para o infinito, como um morto. Há um susto com um certo alarido na Estação Botafogo, para os que dormem. O embarque lá é numeroso e as pessoas entram desabaladamente, na disputa por um assento vago.

Já ví quem, dormindo, perdeu a estação de destino e teve de continuar até a próxima para retornar, depois de acordar sobressaltado, olhar para o lado, dar um pulo do assento e correr para a porta do vagão.

QUARTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO

Anúncio do verão

Chegou setembro e a cidade começa a exibir os seus mais belos dias, de céu sem núvens e temperaturas amenas. Deve chover no fim-de-semana da pátria mas a primavera se anuncia com seu sol. O Rio é uma cidade que hiberna, fica silenciosa e sonolenta de abril até setembro para ressuscitar na primavera e regurgitar no verão.

Copacabana já dá sinais de vida. Os turistas estão na praia, nas calçadas e nos botequins do bairro. Ainda estão brancos, pois o verão ainda não chegou, mas alguns começam a exibir a fina pele branca com tonalidades de vermelho e roxo.

Devemos nos preparar para o verão. O calor deste ano promete chegar aos píncaros de dezembro para janeiro e já nos esquecemos das selvagens temperaturas do verão passado. O bairro, mais uma vez, vai desvendar a loucura que reprimiu durante os meses do inverno.

SÁBADO, 12 DE SETEMBRO

A Prado Junior

Durante muito tempo, a chamei de rua. Mas a Prado Junior é uma avenida, de longa tradição na boemia de Copacabana. Lá funcionaram o Beco da Fome e o Cinema 1 e seu nome esteve sempre ligado às moças que fazem a vida.

Pelo menos três grandes catedrais do sexo – Barbarella, La Cicciolina e Frank's Bar – estão nas suas proximidades. Foi lá que surgiram as primeiras boates do Rio, como Tabaris e Plaza, de fama esquecida e que se perderam no tempo.

Prado Júnior, que a ela emprestou seu nome, foi prefeito do Rio quando a cidade se chamava Distrito Federal, durante o governo Washington Luiz. Era um paulista meio aventureiro e simpático.

Nos bares da esquina da praia, reúnem-se estranhos tipos de turistas, vindos dos mais diversos e distantes países. Sempre que passo em frente, observo os tipos humanos e tenho a impressão de que grande parte dos crimes praticados mundo afora são planejados ali.

SEXTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO

Uma geração privilegiada

O amigo me dizia no bar do Posto Seis que a nossa é uma geração privilegiada. Quando tivemos nossa iniciação, haviam há pouco descoberto a penicilina e ficamos livres da sífilis e dos gonococos. Em plena juventude, a pílula libertou as mulheres e fomos beneficiários da revolução sexual dos anos sessenta, contemporâneos de Woodstock, dos Beatles e dos Rolling Stones.

Muitos de nós se perderam na escuridão das drogas, outros procuraram mudar o mundo. Muitos se tornaram velhos reacionários, vociferando contra tudo o que é novo.

Mas a prova de que a nossa geração teve muita sorte, dizia o amigo, é que no momento da vida em que os nossos antepassados se retiravam para uma vida de forçada castidade, foi lançado o Viagra.

DOMINGO, 20 DE SETEMBRO

Domingo na praia

As minorias escolhem a praia para protestar contra a discriminação de que são vítimas e a Prefeitura para promover shows e demonstrar boa vontade com a população. Carros de som circulam em abertos decibéis, vendedores de picolé gritam e a garotada faz zig-zag nos skates.

Os quatro quilômetros do calçadão de Copacabana transformam-se num casbah onde tudo se vende e tudo se expõe. Na ciclovia, bicicletas correm, ameaçam pedestres invasores do seu espaço, uma criança cá e chora. As competições de corredores de rua ocupam a pista fechada para o lazer e quem precisa de alguma forma protestar contra algo, estende uma faixa.

As mulheres desfilam rebolando nádegas imensas, os quiosques espalham cheiro de gordura e um trio elétrico amplifica a voz de um péssimo cantor.

QUARTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO

Mendigos

Muitos mendigos desapareceram das ruas de Copacabana, talvez porque os turistas ainda não chegaram – eles preferem o verão – talvez em busca de outros bairros mais nobres e mais ricos. Mas ainda existem os que defendem o seu ponto e entre eles se destacam a mulher elegante, o da falsa dor de dente e o da falsa paralisia cerebral.

Ela não chega a ser propriamente elegante mas, a julgar pelas roupas, dificilmente seria identificada como pedinte. Está sempre sem dinheiro para a passagem e na sua abordagem, com expressão preocupada no rosto, pede dinheiro para completar o preço da viagem de ônibus até Nova Iguaçu. Sempre nas imediações da Praça Serzedelo Correa, sua tática tornou-se conhecida nas redondezas e já não faz tanto efeito. Estaria na hora de procurar outro ponto.

No sinal de trânsito da Avenida Atlântica, com o rosto denotando enorme sofrimento, ele põe a mão no queixo e, com a outra estendida, balbucia um pedido. De vez em quando, para descansar o braço, troca de mão e transfere a dor para o outro lado do queixo. Já o vi sorrindo e conversando, antes de incorporar a dor e estampar o rosto do sofrimento.

O outro imita com perfeição um portador de paralisia cerebral. Movimentos desordenados, andar de pernas bambas e voz desarticulada, sorridente e simpático. Já

testemunhei seu desembaraço, no carnaval passado, ereto e elegante, desfilando e cantando num bloco na Barata Ribeiro, abraçado a uma bonita mulata.

DOMINGO, 4 DE OUTUBRO

Amor na tarde

Ela chegou apressada e parecia nervosa. O botequim estava cheio mas ela teve sorte de encontrar uma mesa bem no meio do burburinho. O garçon aproximou-se e afastou-se quando ela abanou a cabeça. Não queria nada. Ficou roendo as unhas.

Fazia quase frio, no fim de tarde de Copacabana. A Barata Ribeiro como sempre congestionada e o desfile do povo pela calçada, os que voltavam do trabalho, os que vinham da praia, alguns turistas curiosos tentando ler o cardápio escrito na porta, alguns mais audaciosos procuravam um lugar para sentar-se.

Ela devia ter talvez uns vinte anos, continuava roendo as unhas e olhava para um lado e para o outro, virava-se, estava esperando alguém. Ele chegou enquanto ela olhava para o lado contrário ao que ele veio. Ela tomou um susto e os dois riram, ele sentou-se numa cadeira bem próxima à dela.

Eles se abraçaram demoradamente. Então os dois se beijaram. As pessoas que estavam em volta pouco prestaram a atenção naquele beijo que durou, calculei, bem uns três minutos. Foi bem no fim da tarde, no princípio da noite.

TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO

Sexo no mercado

A porno shop fica entre a igreja e o supermercado, na esquina de Nossa Senhora de Copacabana com Hilário de Gouveia. Sua localização entre estes dois ícones deve simbolizar alguma coisa, algo como a afirmação do sexo, situado entre o alimento da alma e a nutrição do corpo, entre o sublime da mensagem divina e a necessidade de comer para a sobrevivência na terra.

Os clientes disfarçam para entrar nesta catedral da luxúria que é também supermercado da lascívia. Fingem que estão andando pela avenida e de repente pulam para dentro da loja. Os homens são os que mais se escondem, ao contrário das garotas curiosas que entram, aos risos, na procura de sensações proibidas.

O sexo transformou-se numa mercadoria responsável pelo faturamento de bilhões de dólares em todo o mundo, segmentado entre o fetichismo, o voyerismo e a velha, tradicional prostituição. Canais de tv, revistas, lojas, cinema, night-clubs e o show-business são os distribuidores desse produto tão desejado, alvo de histórica repressão e que, quanto mais reprimido, mais valorizado se torna.

SÁBADO, 10 DE OUTUBRO

Kim Novak

Num dia qualquer dos primeiros anos da década dos setenta, almoçando no Nino, que foi um grande restaurante de Copacabana, ví Kim Novak correr para o banheiro engasgada por um forte molho de pimenta malagueta. Ela sentara-se na mesa em frente, na companhia de Jorginho Guinle. Todas as mulheres belas e famosas que passaram pelo Rio, enquanto ele era vivo, saíram em sua companhia. Como ele conseguia?

As mesas eram muito próximas e dava para ouvir tudo o que se dizia na do vizinho. Jorge bem que tentou dissuadí-la de colocar tanta pimenta no prato do picadinho, mas ela insistiu e disse que adorava chili, estava acostumada com a do México, onde ia passar o verão. Kim parecia gostar de comer e jogou várias colheres cheias de pimenta em cima do picadinho guarnecido com purê de abóbora, arroz, farofa e caldo de feijão.

Eu conhecia bem aquele molho e fiquei na espreita da sua reação. Muito branca, depois da segunda garfada – na primeira nada aconteceu – ela começou a ficar muito vermelha. Em seguida arregalou os olhos, jogou o guardanapo em cima do prato e correu para o banheiro. Seu acompanhante olhou para nossa mesa e abriu os braços, como quem dizia o que eu poderia fazer?

Ela voltou quase meia hora depois. E pediu um sorvete.

QUARTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO

Salada verde

Sentado no restaurante, acompanho a corrida das crianças. As mães parecem cansadas e incapazes de reprimir a alegria infantil que corre por entre as mesas, esbarra nos garçons e grita de forma fina e estridente. Por que nossas crianças são tão mal educadas, pergunto para mim mesmo. E olho para um gordo que come uma salada de folhas verdes.

O gordo está triste, olhando as folhas verdes. Ele as corta, em pedaços pequenos, o alface, o brócoli e o agrião. Joga por cima uma boa quantidade de azeite, leva à boca uma garfada e me dá a impressão de que sua tristeza aumenta. Dá-me uma certa vontade de consolá-lo dizendo-lhe que “o brócoli é um vegetal muito rico em Cálcio e Ferro, minerais importantes para a formação e manutenção de ossos e dentes e à integridade do sangue”, conforme li em algum lugar. Mas sei que isso não o consolaria.

Solidarizo-me intimamente com o gordo, com a sua tristeza olhando a salada verde e a sua impaciência ouvindo o alarido daquelas crianças de mães cansadas.

SÁBADO, 24 DE OUTUBRO

Cena em Copacabana

Antes do meio-dia, ele senta-se à mesa do botequim que fica em frente ao colégio. Pede um café, abre uma revista e faz palavras cruzadas. Parece ser exímio nessa arte porque resolve os problemas e escreve cada letra com grande rapidez, mas não parece concentrado no que faz, pois levanta a cabeça a todo instante e olha em direção à porta do colégio.

Tem de aparência pouco mais de cinquenta anos, é magro, calado e triste. Seu olhar não divaga, permanece atento à porta do colégio de onde, ao meio-dia, sai o bando de adolescentes dispensados das aulas. Meninos e meninas vestindo uniforme na eterna algazarra de risos e mútuas provocações. Ele se levanta da mesa e se dirige à porta do colégio, onde encontra e abraça uma das garotas que acabam de sair pelo portão.

Os dois caminham abraçados, rindo um para o outro, ambos possuem traços fisionômicos bem parecidos. Dirigem-se vagarosamente ao ponto de ônibus onde ela pega um em direção à Barra. Ele ainda permanece na calçada, acena para ela, que retribui com o braço de fora da janela do ônibus. Então ele volta ao bar, senta-se à mesa, pede um chope e fica por lá fazendo palavras cruzadas pelo resto da tarde.

QUINTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO

Viajando de metrô

Seis horas da tarde, o metrô em direção ao centro ferve de calor e gente. A imagem de sardinha em lata me vem à cabeça e um jovem suado come dois churros e lambe os dedos. O comboio para em Botafogo e permanece parado enquanto os auto-falantes avisam que se espera o tráfego se normalizar à nossa frente.

Com o trem na espera, de portas abertas, mais passageiros entram no último vagão, que fica bem ao lado da escadaria. Alguns chegam correndo e forçam a entrada, enquanto outros mais tímidos olham para a porta espirrando gente, desistem e correm para procurar outro vagão.

É o prenúncio do forte verão que está chegando. Muitos estão voltando da praia, outros voltam para casa depois do trabalho. Constato algo interessante: já vivi situação semelhante no metrô de Paris e sinto no ar que o povo do Rio tem cheiro melhor do que o povo de lá.

DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO

O estouro da boiada

Em plena primavera, aí está o verão com seus sobressaltos. Já bateu o recorde de calor do ano e as mulheres estão mais nuas. O suor que escorre e o semblante aflito das pessoas trazem a certeza de que pelo fim de dezembro, princípio de janeiro, a cidade verá amolecer o asfalto das ruas. Ontem, um gaiato já fritava um ovo numa depressão da calçada da Avenida Atlântica.

Dizem que vai chover mas a previsão do tempo no Hemisfério Sul não merece confiança e as praias vão continuar ocupadas por multidões que cobrem completamente a faixa de areia. As praias trazem perigo, neste calor, pois a TV gosta de anunciar arrastões e basta uma alteração entre dois banhistas para provocar o estouro da boiada. As pessoas começam a se afastar da briga, algumas correm e, de repente, dá-se o pânico, uns atropelam os outros e os ratos de praia fazem a festa.

Nenhuma multidão é capaz de pensar. Ela obedece ao comando do mais louco dos seus componentes.

TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO

Retorno

Ele andou sumido por um bom tempo e reapareceu ontem, no fim da tarde, no botequim de sempre. Está bem mais pálido, com ar ainda mais doente.

Ontem estava sozinho, sem os três habituais companheiros. Continua fumando muito. Bebia caipirinha num copo longo, com muito gelo, certamente para compensar o forte calor que anda fazendo. A bengala repousava numa cadeira e noto que a mão passou a tremer, enquanto fuma. Seu olhar não para. Observa cada uma das pessoas que passam na calçada. Presta mais atenção aos jovens, moças e rapazes que voltam da praia no final do dia.

Estas tardes muito quentes da primavera prolongam-se no horário de verão e os dias ficam mais longos, a noite demora a chegar. Ele bebe mais um pouco e fuma mais alguns cigarros. Quando finalmente começa a escurecer, levanta-se, apoia-se na bengala, espera o sinal abrir, atravessa vagorosamente a rua e dobra a esquina da República do Peru.

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

Eduardo

O homem mais elegante e encantador que conheci chamava-se Eduardo Garcia. Um príncipe. Não sei por onde ele anda. Fui seu amigo por mais de quarenta anos e acompanhei suas venturas e desventuras com as mulheres. Diplomático, educado, sensível, com ar desprotegido, manteve desde a adolescência um romance com oito diferentes namoradas - ao mesmo tempo.

Surpreendente como ele conseguia manter o equilíbrio saindo ora com uma, ora com outra. Durante anos elas jamais souberam que faziam parte de um pequeno harem e ele usava sua grande habilidade para driblar os telefonemas de todas, no fim de semana, até conseguir resolver, diante de grandes dúvidas, com qual iria se encontrar.

Por maior que seja a habilidade de um homem, ele nunca enganará uma mulher durante todo o tempo, quanto mais oito, e elas acabaram por descobrir a situação em que há muito viviam. Algumas se uniram para executar pequenas vinganças. Um domingo, na praia, ele estava na companhia de uma delas quando percebeu que outra se aproximava e estendia a toalha na areia. Alguns minutos depois, mais uma delas sentou-se nas proximidades. Uma difícil situação, que Eduardo resolveu tomando várias cervejas seguidas, até adormecer.

Quando acordou, anoitecera e ele estava sozinho na praia imensa e vazia.

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO

Turistas

O canto irritante das cigarras manda avisar que estamos na estação do calor, mesmo que tenha, ainda, o nome de primavera. Nas árvores próximas do metrô, elas parecem que são centenas cantando em coro neste dia quente.

O sol castiga os de pele branca, as meninas estrangeiras hospedadas na pousada Mellow Yellow estão vermelhas como um pimentão recém colhido, algumas delas exibem o namorado conquistado aqui mesmo, na comunidade afrobrasileira e este encontro tem a beleza dos romances e dos prazeres intensos.

O rosto dos transeuntes exhibe calor, há um toque de mau-humor nas fisionomias e os bares de rua vendem milhares de litros de cerveja. Copacabana começa a receber sua população flutuante, ônibus lotados que vêm do Estado do Rio, de Minas e do interior de São Paulo. Chegam muito cedo, estacionam na Barata Ribeiro, devem ter viajado toda a noite. Os passageiros saltam, procuram entender de que lado fica o mar e em seguida correm excitados em direção à praia, de onde voltarão cansados, bêbados, para empreenderem a viagem de volta no fim da tarde.

Penso que está muito próximo o dia em que, ao contrário das aves migratórias, preciso tomar a direção do Norte em direção ao frio.

TERÇA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO

Noctâmbulos

Eles vagueiam pela noite nas ruas quase vazias, sempre sozinhos, e todos parecem ter uma maneira de andar meio curvada. Passeiam vagorosamente e sem olhar para os lados. De comum entre eles, a palidez dos noctâmbulos em contraste com a pele bronzeada dos frequentadores da praia, os jovens e os de meia idade que costumam ser vistos durante o dia ou no fim da tarde ainda afogueados do calor do sol.

Estão sempre na vizinhança das farmácias que abrem à noite e avançam as madrugadas nos bares noturnos onde entram apenas para tomar café. É muito raro vê-los conversando com alguém e uma das ruas preferidas por eles parece ser a Hilário de Gouveia, onde a delegacia de polícia permanece aberta durante toda a noite.

Não se confundem com os que exercem atividades noturnas – garçons, prostitutas, taxistas e marginais diversos – pois o que fazem é apenas andar, vagar pela noite.

Não sei quantos são, mas tenho certeza de que não são poucos esses estranhos personagens de Copacabana, habitantes da noite que devem se sentir melhor movendo-se nas sombras.

DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO

A velhinha dos pombos

Diariamente ela vai à praça Cardeal Arcoverde, em frente ao metrô, alimentar os pombos. Já ouviu comentários de quem acha que pombos transmitem doenças e são verdadeiros ratos alados. Um homem lhe disse que são predadores e dizimam outras espécies de pássaros. Acabaram, por exemplo, com os pardais e as cambaxirras que viviam nas árvores de Copacabana.

Mas a velhinha não está convencida e acha que são aves bonitas, que se aproximam das pessoas e alegam as ruas. E diariamente leva um saco de milho para os pombos da praça em frente ao metrô.

Um amigo observou que a bondade das velhinhas muitas vezes chega a resultados que elas mesmas não desejam. E exemplifica com a estrada entre Itaipava e Teresópolis, que era ladeada por hortensias e encantavam as velhinhas com a sua beleza. Aos poucos, fascinadas com as flores azuis, elas saltavam dos automóveis e as colhiam e foi assim que as hortensias desapareceram da estrada.

A velhinha que ama os pombos conversa com eles e pouco se importa se são predadores ou transmitem infecções, pois são bonitos e a reconhecem quando se aproxima com o saco de milho, acercam-se dela e vêm comer na sua mão.

SEXTA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO

Os bichos

Moram no bairro cerca de 150 mil pessoas, mais turistas e gente de outros lados da cidade que vem para curtir a praia. Deve haver uma população equivalente formada por cães e gatos de estimação, porque há também muita solidão nos apartamentos e a companhia de um bicho compensa o sentimento de abandono de quem vive só.

Muita gente mora sozinha em Copacabana porque assim preferiu organizar a vida ou porque assim se tornou pela morte de alguém com quem viveu. Uma população mais idosa constrói também a solidão dos remanescentes.

Os gatos são menos sociáveis e quase nunca saem às ruas, preferem passear pelos telhados, mas os cães são habituais nas calçadas e penso que entre eles os poodles são maioria. Estão sempre no colo de suas donas, que os tratam com o carinho que dedicariam talvez aos filhos e aos netos.

No forte calor que tem feito, vejo poodles peludos, impacientes, arfando nos braços das senhoras. Elas sentam-se nos bares de calçada para para lhes comprar água e abaná-los com leques e acariciá-los e conversar com eles. Cada um parece entender o que lhe diz o outro.

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO

Flamengo

De manhã bem cedo um ciclista passou veloz empunhando uma bandeira e por volta do meio dia Copacabana já tinha enlouquecido. As ruas foram tomadas pelos torcedores e eles eram em tal quantidade que dava a impressão de que o bairro inteiro torce pelo Flamengo.

Todos pareciam usufruir antecipadamente a vitória e o campeonato, formando uma multidão do Leme ao Posto Seis, num só alarido, cortado apenas pelo espoucar dos foguetes e da buzina dos automóveis. Todos os bares estavam com a TV ligada desde a hora em que abriram e a venda de chope e cerveja batia recordes.

A cor vermelha se destacava na paisagem das ruas e a expressão dos turistas, também vermelhos por conta dos dias de sol da semana passada, passava da surpresa para a incredulidade diante da estranha e animada festa.

Não sou torcedor do Flamengo, mas sempre me surpreende a festa nos dias em que ele joga, um espetáculo de enorme, incontida alegria que só se compara ao silêncio e a depressão que toma conta do bairro quando o time perde.

QUINTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO

Alcóolatrás

João Antonio fez uma descoberta, quando morava na Praça Serzedelo Correa e frequentava os bares da vizinhança. Alguns homens e mulheres que eram alcóolatrás faziam ponto nas proximidades do Pavão Azul, que fica na Hilário de Gouveia, em frente à Delegacia de Polícia. Com a colaboração dos bares e a pedido das famílias, estavam proibidos de beber. Os botequins recusavam-nos como clientes.

João Antonio morreu em outubro de 1996 e ontem fui conferir sua descoberta. Eles ainda estão lá. Se não são os mesmos, outros vieram substituir os que partiram e rondam os bares, bebem água, tomam café. Aproximam-se discretamente de um camelô que vende meias na esquina e os abastece clandestinamente de cachaça. Tomam goles sorrateiros num único copo que está sempre à espera do próximo freguês.

Encontraram uma forma de burlar a proibição da família e o boicote dos bares ao vício que os destrói e lhes dá alento. Formam uma confraria secreta cujo objetivo é matar a sede que atormenta os alcoólatras e eles não são capazes de aplacar.

DOMINGO, 13 DE DEZEMBRO

Cantinas

A moda afeta o comportamento, a maneira de vestir, o vocabulário e até o nosso modo de comer. Colocar uma roupa que saiu de moda, um paletó curto ou uma calça de cintura muito baixa, faz-nos parecer aos outros como seres estranhos que se perderam no tempo. Dizer uma expressão que esteve na moda antigamente – do tipo “é uma brasa, mora” – vai nos fazer cair em ridículo.

O cardápio dos restaurantes também sofre a influência da moda. Desde o tempo em que comer fora significava bife com batatas fritas, outros pratos estiveram na ordem do dia, como foi o caso do estrogonofe, do picadinho, do paillard com fettuccine e do steak au poivre. E a moda da nova cozinha francesa ou italiana mudou radicalmente a maneira de comer em restaurantes.

Em tempos passados, estiveram na moda em Copacabana as cantinas italianas com suas toalhas quadriculadas e o cardápio de massas feitas à maneira antiga. Elas foram desaparecendo e poucas resistiram com seus pratos que já estiveram na moda - como a lasanha à bolonhesa - e que desapareceram do cardápio nos modernos restaurantes italianos. Restaram duas: uma na Domingos Ferreira, a outra na Fernando Mendes.

QUARTA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO

Festas

A uma semana do Natal, o tráfego de automóveis está intenso mas as lojas continuam meio vazias. A clientela talvez esteja nos shopping centers, o comércio de rua reservado para as compras de última hora. O calor fez uma pausa mas outros dias muito quentes se aproximam. Copacabana já recebe seus turistas, cuja presença vai aumentar, como sempre, na semana do ano novo.

Alguns edifícios ostentam na fachada decoração com luzes e leds. A mais feérica de todas costuma ser a do prédio onde mora o presidente de honra da Beija Flor, mas outros apartamentos nas ruas de dentro, sem a nobreza daquele na Avenida Atlântica, já inauguraram sua iluminação de Natal.

Marquinhos, o maluco da vizinhança, com seu rádio que não toca nada, dizia ontem que ouvia músicas de Natal enquanto dava uma pausa no seu mau humor e no ódio que devota ao próximo. Não xingava nenhum dos passantes, apenas olhava para eles com seu olhar fixo e um certo ar de desconfiança.

O bairro se prepara para as festas de fim de ano.

SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO

O efeito estufa

O vizinho entrou no elevador lendo o jornal que falava da conferência de Copenhagen. Na mesma página, mostra a notícia sobre a ciranda de fogos no reveillon de Copacabana. Relaciona os dois fatos e me pergunta se eu não achava que aquelas toneladas de fogos não seria capaz de provocar enorme poluição e colaborar para o efeito estufa.

Em todo o mundo, no dia 31 de dezembro, centenas de toneladas de fogos de artifício explodem minuto a minuto, na medida em que a Terra gira e a meia-noite vai chegando a todos os países. A poluição que se provoca nessa data, em tão breve momento, deve ter potência poluidora bem maior do que a dos gases expelidos pelo ventre dos rebanhos mundiais.

Se for mesmo verdade que o planeta esteja ameaçado, o homem sacrifica a cada ano um pouco do seu futuro por um momento de beleza pois, como disse Keats, o poeta inglês, "a moment of beauty is a joy forever".

QUARTA-FEIRA, 20 DE JANEIRO

Cenas no verão

O calor deu uma trégua mas demorou pouco e o termômetro volta a subir, pois este verão já se anunciava tão quente como os verões históricos que abafaram a cidade, quando se torna possível fritar um ovo nas calçadas.

As meninas estrangeiras das hospedarias do bairro, que vieram de países frios, estão vermelhas, encantadas com o calor. Algumas delas já se desfazem da primeira pele, como um pimentão levado a uma chama. Os bares, como sempre, estão lotados e já se ouve o batuque anunciando o carnaval.

Os quatro velhinhos gays que fazem ponto no bar da esquina tomam chope e riem maliciosamente, paqueram os garotos do subúrbio que saltam dos ônibus e do metrô em direção à praia. Um deles se abana com um leque, ereto e elegante. Marquinhos, louco, tenta desesperadamente dar um pouco de ordem ao trânsito e lança aos motoristas um olhar raivoso, ameaçador.

Copacabana consagra mais uma vez o verão na praia, nos bares e nas esquinas. Vive os seus pecados enquanto, em toda a sua preguiça, prepara-se para mais um ano de luta.

SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE

Os quatro velhinhos gays

Eles estão sempre juntos, os quatro. De idade, cada um deles deve ter mais de 75 anos, sentam-se nos bares, conversam entre si, riem muito e avaliam com o olhar os jovens que vão à praia. Um deles aparenta estar abalado por alguma doença, outro se veste com elegância apurada, um terceiro é discreto e silencioso e o quarto tem o rosto marcado por rugas de expressão e riso.

Bebem chope devagar e moderadamente. O que parece estar doente prefere caipirinha e não os vejo comer. São magros, devem controlar o peso cuidadosamente. Riem de maneira maliciosa e cheia de ironia, como riem aqueles que se divertem com as infindáveis bobagens humanas.

O mais elegante costumava aparecer com um cãozinho no colo, um poodle bem tratado, de cor branca, que acompanhava a conversa entre eles movimentando a cauda e dirigindo-se ora para um, ora para outro, ansioso por atenção. O cão não tem aparecido, ultimamente.

É uma turma formada há muitos anos, acostumada a conviver em seu círculo fechado, pois se entendem e se comunicam com uma simples troca de olhar.

SÁBADO, 30 DE JANEIRO

Balzaquianas

Não existem mais balzaquianas, pois as meninas de 30 anos, hoje, ainda moram com os pais e muitas delas ainda não acabaram os estudos. Muitas não pensam sequer em casamento e são mais felizes do que Júlia d'Àiglemont, a infeliz heroína de Balzac em seu romance *A Mulher de Trinta Anos*, responsável pela palavra que já definiu a mulher que naquela idade permanecia solteira.

As mudanças de mentalidade e comportamento fizeram com que a mulher não dependa mais do casamento para se sentir realizada. Mesmo em idade mais avançada, independentes e vivendo sozinhas, elas são muitas em Copacabana. Com a pele queimada de sol, cabelos alourados e usando a pouca roupa imposta pelo forte verão, desfilam pelas calçadas exibindo autoconfiança.

Elas não possuem idade definida. Podem ter quarenta, sessenta anos ou mais. É um tipo bem presente no bairro. Têm um jeito de andar, falar e se vestir de quem considera a idade algo irrelevante.

DOMINGO, 7 DE FEVEREIRO

Carnaval e calor

Os blocos improvisados já começaram a desfilar pela Barata Ribeiro e criam o clima de carnaval em Copacabana. São formados por um carro com alto-falante e comandados por um cantor, acompanhado de uma orquestra pobre de uns três instrumentos desafinados. E pelo séquito de uma pequena multidão em que se destacam algumas meninas pobres das favelas do bairro. Elas vestem biquínis ou os curtos shorts que constituem sua marca particular de elegância e sensualidade.

O cantor repete as marchinhas que fizeram sucesso nos carnavais dos anos 50. Ele canta fora do ritmo e com a voz cansada de quem já perdeu a noção das palavras exaustas de tanta repetição. As meninas seminuas procuram acompanhá-lo com suas vozes finas, esganiçadas, algumas senhoras idosas abanam-se e também tentam acompanhar o cantor.

Ninguém propriamente dança, alguns ensaiam uns poucos passos, balançam o corpo mas interrompem o movimento. O calor não anima o bloco. O trânsito está engarrafado, as pessoas chegam às janelas dos apartamentos para assistir ao desfile que lentamente se dirige ao Posto Seis.

QUARTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO

Copacabana versus Ada

O que já sentíamos no corpo foi confirmado pela ciência: a onda de calor que avassala a cidade foi considerada histórica, porque é a maior dos últimos 50 anos. A combinação de temperatura e umidade faz com que experimentemos uma temperatura mais alta do que a do deserto de Sahara.

Mais quente, nestes dias, só a cidade de Ada, em Gana, dizem os meteorologistas. Estamos, portanto, em segundo lugar no ranking mundial de calor.

Ada, a campeã, está apenas dois décimos acima de nós. Temos, portanto, chance de superá-la ainda neste verão. Esta pequena cidade no estuário do Rio Volta, na costa ocidental da África, é mencionada nos guias pelas belas praias do seu litoral.

Alguns turistas europeus em busca de calor costumam aportar nas praias de Ada e desconfio que devem ser os mesmos que, a esta altura trocando a segunda pele, estão a desfilar pelas ruas de Copacabana.

SEXTA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO

Fim de tarde

Talvez tenham escolhido um bar tão movimentado como o Real Chopp, em plena Barata Ribeiro, para não tornar a conversa íntima demais. Ele falava, ela escutava e por sua vez rebatia algo que ele acabara de dizer; um detalhe da sua fala, algum argumento mal usado, um sentimento obscuro.

O fim da tarde, nas ruas internas de Copacabana, é marcado pelo barulho dos motores nos engarrafamentos da hora do rush. Talvez por isso, de vez em quando, um dos dois falava mais alto olhando diretamente para o rosto do outro. Depois ela baixava a cabeça e ele olhava para os lados sem saber o que procurava. Ficavam assim por um momento e depois retomavam a discussão.

Ela picava em pequenos pedaços o guardanapo de papel, ele mantinha as mãos nos bolsos. Havia tirado o paletó e a gravata e arregaçado as mangas da camisa para enfrentar o calor. Ela vestia uma saia simples, justa, com um paletó feminino, de acordo com a moda adotada pelas mulheres que exercem cargos executivos. Os dois copos de chope estavam quentes e sem espuma.

Em seguida ele pegou seu paletó e se levantou, deixou um dinheiro em cima da mesa junto com a conta que havia pedido ao garçon e foi embora pela Rua Paula Freitas na direção da praia. Ela ficou durante alguns

momentos olhando os automóveis parados no engarrafamento. Então levantou-se, atravessou a rua e pegou um ônibus na direção do Jardim de Alah. O calor batia os 40 graus.

QUINTA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO

O pensador

De chapéu novo e roupas limpas, aparência de quem tinha tomado banho, Marquinhos encostava-se na lixeira, talvez para se refazer do calor, quem sabe se para simplesmente meditar. Alheio ao movimento e ao ruído, compenetrado e com o olhar parado, pensava em silêncio.

Os grupos de turistas vinham da praia no fim da tarde, jovens estrangeiros brancos, vermelhos de tanto sol e olhavam desconfiados para ele. Algumas moças vestiam seus biquinis, o que as identificava como paulistas ou mineiras, pois as cariocas se recusam a desfilarem em roupa de banho e usam, na rua, o que chamam uma saída de praia.

A quarta-feira de cinzas ainda cheirava a carnaval, um odor de excrementos e urina; um ou outro passante ainda usava na roupa ou na cabeça detalhes de fantasia.

Marquinhos mergulhava em seus pensamentos, encostado na lixeira da esquina da República do Peru. Ele andava sumido. Agora, com o fim da louca festa do carnaval, volta de banho tomado e na segunda-feira, quando o bairro retomar seu ritmo habitual, estará certamente comandando o trânsito e dirigindo insultos aos motoristas e a quem mais tiver o atrevimento de passar a seu lado.

DOMINGO, 21 DE FEVEREIRO

Turistas

O carnaval terminou mas muitos deles ainda ficaram por aqui, povoando a praia e os botequins. O calor os atrai e parece que eles preferem suar no Rio do que enfrentar o frio que faz este ano na Europa e em todo o hemisfério Norte. Por isso estão por aí de pele avermelhada e com as suas roupas diferentes que os identificam à distância.

A cidade recebeu, só durante o carnaval, 730 mil estrangeiros que, dizem, gastaram 500 milhões de euros e ocuparam todos os hotéis. Eles vieram atraídos pelo carnaval mas também porque o Rio tem uma estátua que foi considerada uma das sete maravilhas do mundo, foi eleito sede das Olimpíadas de 2016 e também o melhor destino gay. As universidades de Michigan e da California fizeram uma pesquisa e concluíram que o carioca é o povo mais cordial do mundo. Pronto: é o cenário ideal para um turista.

Sergio Porto dizia, em seus artigos assinados como Stanislaw Ponte Preta, que o morador de uma cidade turística paga os preços que o turista não se importa em pagar. Em sua opinião, a cidade é preparada para o turismo e o nativo é um cidadão de segunda classe.

TERÇA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO

O vôo do tempo

O trânsito pesado das ruas engarrafadas, ônibus e metrô lotados e as crianças entrando e saindo das escolas mostram que a cidade, enfim, começou o ano. Ao Natal e Ano Novo segue-se o carnaval, no calendário brasileiro. E o carnaval, no Rio, durou este ano de sexta até domingo da outra semana, inaugurando um novo e mais demorado período para a festa que mobiliza o povo.

Já estamos a um mês para o fim do primeiro trimestre, a quarta parte de um ano que promete, mais uma vez, passar muito rápido. A velocidade da passagem do ano aumenta com a nossa idade. Até os 15 anos, sentíamos e nos queixávamos da lentidão do tempo e ansiávamos pela independência, a liberdade que os dezoito anos prometiam. E de repente estamos velhos.

O ritmo de trabalho dos nossos dias, toda a parafernália tecnológica em nosso entorno, a ansiedade que é a marca do nosso tempo, e mais a agitação da vida diária, tudo se conjuga para que logo ali adiante já seja dezembro. A cidade vai parar, então. até o fim do próximo carnaval.

SEGUNDA-FEIRA, 1 DE MARÇO

A pracinha do jogo

A pracinha tem o nome de Manoel Campos da Paz, sanitaria que fez campanhas contra a febre amarela e pertenceu ao Partido Comunista, pelo qual foi eleito vereador no Rio de Janeiro. Um médico ilustre, humanista que merece a homenagem. A praça tem um ar tranquilo, algumas mesas de cimento e uma forte vocação para o jogo.

Talvez tenha começado com os motoristas de kombis de aluguel que lá faziam ponto. O baralho ajudava a enfrentar o tédio na espera de clientes e aos poucos a pracinha com o nome do bom médico foi se transformando numa área de jogo que se ampliou pela vizinhança.

Um ponto de jogo-do-bicho e uma inocente loja de venda de jogos eletrônicos, onde as crianças trocam figurinhas, convivem com as mesas ocupadas pelo baralho. Há um botequim frequentado pelos amantes do jogo de damas e, de vez em quando, a polícia perturba a tranquilidade da pracinha e intervém para interromper um veloz jogo de cartas onde o dinheiro troca de mãos com uma rapidez incrível.

SEXTA-FEIRA, 5 DE MARÇO

As brancas

Doka, velho boêmio, aconselhava a tomar cuidado com as brancas. Referia-se a gin, vodka, tequila, todas as aguardentes que à distância se pareçam com água. Elas são perigosas, dizia, pois a embriaguês que provocam se confundem muitas vezes com a pura e simples loucura.

Doka foi dono de um bar que sofreu intervenção da família, pois ele era também o seu maior cliente e estava falindo a casa. Posto fora do balcão, foi obrigado a pagar pelo que bebia.

Quando se inscreveu nos AA, dizia que sua força de vontade prevalecera. Era capaz de sentir desprezo por qualquer bebida, só o cheiro de cachaça o comovia, a ponto de sonhar todas as noites com um cálice cheio dela, transparente e branca, cujo odor lhe penetrava e perturbava o sono.

QUINTA-FEIRA, 11 DE MARÇO

As pílulas da liberdade

Conversando com o amigo, ele diz que as mulheres e os velhos hoje são livres mas nem sempre o foram. Devem sua liberdade atual a duas pequenas pílulas: a anti-concepcional e o Viagra. Ele se referia, claro, à liberdade sexual, pois foi através daqueles comprimidos que as mulheres se libertaram da virgindade tardia e os velhos da castidade a que estavam condenados na última fase da vida.

O símbolo da liberdade, portanto, deveria ser a cobra da farmácia e não a estátua que se encontra na entrada do porto de Nova Iorque. Esta tem conotações políticas e representa uma noção de liberdade que faz os Estados Unidos invadirem outros países, enforcarem o presidente e obrigarem o povo a ser livre.

A liberdade, como se vê, tem seu preço. O crescimento da aids na terceira idade tem preocupado as autoridades da saúde pública, embora em contrapartida se veja em Copacabana tantos velhinhos exibindo sua auto-estima e certo ar de felicidade.

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE MARÇO

A Tríade

Os chineses desapareceram das ruas de Copacabana. Eles eram muitos – homens e mulheres jovens – e vendiam bugigangas eletrônicas pelos bares e ruas. Poucos falavam algumas palavras em português mas todos sabiam dizer o preço das mercadorias, contar dinheiro e fazer o troco.

Eram imigrantes ilegais. Sob o rosto impassível dos orientais, não conseguiam disfarçar uma certa preocupação ao verem um policial. Talvez por coincidência, eles sumiram depois que Law King Chong, que dizem ser o maior contrabandista do país, foi preso em São Paulo.

A entrada ilegal no Brasil é organizada pela Tríade, nome pelo qual é conhecida internacionalmente a máfia chinesa. Ela não é tão bem organizada quanto a italiana mas está presente em todas as comunidades chinesas extorquindo comerciantes. Sua principal atividade é o tráfico humano. Hong Kong é o centro das suas atividades.

SÁBADO, 20 DE MARÇO

Beleza

De vez em quando as vejo, as divas de outrora. Algumas guardam algo da beleza de antigamente, outras são hoje belas ruínas. Umas são muito tristes, outras conseguem viver o tempo presente e de alguma forma se recusam a continuar na ilusão de que continuam belas, poderosas e desejadas.

A passagem dos anos é muito cruel para as mulheres bonitas que investiram toda a sua vida na esperança de que assim seriam para sempre. A fugacidade as surpreende na esquina da vida. Compreender e conseguir viver este encontro com o futuro é privilégio de poucas.

A mesma coisa ocorre também com os homens bonitos. Os galãs que arrasaram corações femininos e não conseguem compreender por que não são mais olhados, admirados e desejados pelas mulheres com quem hoje cruzam nas ruas. E sentem-se perdidos na tempestade do tempo.

Esta reflexão me ocorre depois de ver, na Nossa Senhora de Copacabana, uma mulher que foi das mais belas do meu tempo.

QUINTA-FEIRA, 25 DE MARÇO

Outono

O outono começou trapaceando, pois o calor com sensação de 46 graus é temperatura digna das mais quentes regiões da África. As praias continuam lotadas como no auge do verão, os bares de Copacabana batem recordes na venda de chope e as mulheres se vestem tão nuas como se vestiam para o sol de dezembro.

Não deveria ser assim, pois no outono as folhas deveriam cair e a estação chegar com suas chuvas, mas isto só acontece nos países que se encontram acima do equador, onde agora é primavera. No século XVI, as linhas da amizade dividiram o planeta. Ao norte, a origem da civilização e ao sul o território selvagem, terra de ninguém, livre de culpas, onde não existiria pecado, segundo o Papa Paulo III.

É bom saber que não existe pecado. Mas as estações do ano, com suas mudanças e diferenças, fazem falta. A quase inexistência delas não nos deixa perceber a passagem do tempo. Por que, então, os anos têm passado tão rapidamente?

TERÇA-FEIRA, 30 DE MARÇO

O homem que bebia cerveja

Conheci gente que resolveu se matar bebendo. Uma forma de suicídio sem dor e talvez com algum prazer, apesar da destruição do fígado. Eram pessoas ternas, sentimentais, risonhas e de humor ligeiramente cáustico que não conseguia esconder o desencanto. Marcelinho Cachaça, Murilo, Gelon, Doka, Abílio, todos eles mergulharam sem desespero na escuridão, de onde jamais saíram.

A lembrança deles me vem por causa do homem gordo que bebia cerveja no botequim da Rua Inhangá. Chegava por volta das sete horas da manhã, quando o bar abria as portas, sentava-se e lá ficava grande parte do dia. Olhava os passantes com ar de ironia, os que iam à praia, os corredores, os atletas do calçadão de Copacabana.

Às vezes ele acompanhava o copo de cerveja de um cálice de bebida branca. Cachaça, vodka, um destilado qualquer para aumentar o teor da cerveja.

Há dias que não o vejo.

DOMINGO, 11 DE ABRIL

Depois da chuva

A atmosfera lavada abre um céu limpo e azul depois da trágica semana de abril. A amena temperatura substituindo os dias de forte calor inaugura finalmente o outono no Rio mas esta é no momento uma cidade triste. Impossível dar boas vindas com alegria a um céu azul e limpo depois da notícia de tantos mortos.

Uma cidade construída sobre pântanos e mar, crescendo sobre aterros, soterrando rios, avançando sobre os lagos. As enchentes de hoje são o movimento das águas na procura do seu espaço antigo sobre a terra improvisada.

Um amigo me diz que o Morro do Bumba, em Niterói, é uma metáfora perversa de como construímos a nossa sociedade. Uma vila sobre o lixo, construção precária tentando viver sobre detritos que se decompõem e se preparam para destruí-la.

O mar de Copacabana cresce, invade as praias. O limpo céu azul tomou o lugar das nuvens negras que trouxeram consigo a destruição.

QUARTA-FEIRA, 14 DE ABRIL

Rodízio e quilo

Parece que tanto os restaurantes de comida a quilo quanto as churrascarias em rodízio foram invenções brasileiras. Representam uma solução de marketing que leva em conta a fome sem medidas da clientela pois, ao invés do comerciante, quem determina o preço ou o tamanho do prato é o freguês.

Dessas duas fórmulas bem sucedidas de vender comida, o rodízio, invenção dos gaúchos, já existe até na Rússia e faz o regalo dos americanos, que esbugalham os olhos e enchem a barriga nas bem sucedidas churrascarias de Miami e Nova Iorque. A carne é um produto caro, nesses países. Quanto ao quilo a preço fixo, penso que ainda não conseguiu sucesso no exterior porque os empresários do ramo de restaurantes temem perder dinheiro nesse negócio. Em Paris, cidade orgulhosa das suas casas de pasto, anunciado como “à volonté”, faz sucesso o buffet a preço fixo. É o que há de mais parecido com os nossos restaurantes a quilo.

Já em Copacabana, há um restaurante a quilo e uma farmácia em cada esquina. Não existe muita relação entre esses dois negócios, mas ambos são do agrado dos velhinhos do bairro, que garantem a saúde pagando apenas pelo que comem, sem maior desperdício. E dão sempre uma passada na farmácia.

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE MAIO

Outono

Apesar da eventual ocorrência de frentes frias que trazem chuva, maio é um dos meses que oferecem ao Rio o tempo mais agradável e temperaturas amenas. Junto com setembro, mostra que outono e primavera são as mais amáveis estações do ano. Elas fazem uma cidade mais tranquila, protegida das canículas do verão e da fria umidade do inverno.

Copacabana prepara-se para hibernar, pois vive do agito do verão carregado de turistas e de banhistas que desfilam seminús pelas calçadas. Agora, no outono, sua verdadeira população sai às ruas. Já não precisa se proteger do calor que torna mais difícil a vida dos mais velhos, enquanto os jovens sonham com temperaturas que tragam de volta os dias de praia. Pois é na praia que eles vivem a maior parte de suas vidas, onde socializam, acasalam e assistem ao início e ao fim de um novo verão, que traz sempre uma novidade e alguma nova surpresa.

DOMINGO, 23 DE MAIO

Três mulheres

Eram três mulheres de ar cansado que tomavam chope no fim da tarde, alheias ao burburinho da Barata Ribeiro na hora do rush. As mesas do botequim estavam todas ocupadas, como sempre no fim da tarde, e o barulho incomodava, como de hábito. Diante da zoadá que elas mesmas produzem, as pessoas costumam falar cada vez mais alto para serem ouvidas e acabam quase gritando.

As três mulheres usavam roupas coloridas, falavam alto, às vezes ao mesmo tempo, como as mulheres costumam fazer quando estão em grupo e conversam entre si. Frases soltas podiam ser ouvidas de longe e quem estivesse sentado na mesa ao lado podia escutá-las, mesmo que não pretendesse ouvir o que diziam.

Elas não eram jóvens mas não aparentavam sentir-se velhas. Penso que falavam de amor e do tempo passado, pois uma delas de vez em quando repetia, como se desejasse informar ou convencer as outras, eu já fui amada, eu já fui muito amada.

Os motores aceleravam quando o sinal abria para o verde, aumentando o barulho e a poluição do ar, como acontece todas as tardes em Copacabana.

SÁBADO, 19 DE JUNHO

Cristo fulminado

Na segunda-feira passada, a estátua de Jesus construída em Cincinnati, Ohio, por uma igreja evangélica chamada *Solid Rock Church*, foi destruída por um raio. O amigo Marcelo, que enviou a notícia, diz que foi um aviso. A sinceridade dessas igrejas que aparecem de repente como se fossem lojas comerciais está sempre sob suspeita, e não se deve nunca duvidar de certos sinais do sobrenatural.

O monumento, batizado como Rei dos Reis, na porta da igreja, tinha 20 metros de altura por 12 de largura. Os fiéis terão de multiplicar o valor do dízimo para pagar o prejuízo, calculado pelo pastor em 1,4 milhão de dólares.

Aqui em Copacabana, a Igreja da Multifórmica Sabedoria de Deus, instalada ao lado do Bar e Café União, também anda no prejuízo. Enquanto o botequim está sempre cheio, a Igreja até agora não conseguiu firmar o seu prestígio. Quase dois anos depois de inaugurada, numa pequena loja da Barata Ribeiro, seus bancos ainda se encontram meio vazios. Talvez um monumento na porta, como fez a *Solid Rock Church*, ajudasse a propagar sua mensagem.

QUINTA-FEIRA, 1 DE JULHO

Internaram Marquinhos

Já falei dele aqui. Marquinhos, que fazia ponto na esquina da Barata Ribeiro com República do Peru, onde disseminava sua ira contra automóveis e pedestres. Numa algaravia em que só os loucos conseguem se expressar, dirigia improperios aos passantes enquanto tentava orientar o trânsito. Ou então ouvia um rádio mudo mas que emitia uma música que só ele ouvia, em cujo ritmo dançava balançando as pernas.

Era o idiota da pequena aldeia formada por aquele quarteirão de Copacabana. As crianças riem dos loucos inofensivos e na saída do colégio o provocavam para vê-lo enraivecido e depois corriam dos seus arranques.

Está desaparecido há meses. O garçon do botequim diz que foi internado, depois de uma crise em que manifestou seu protesto de maneira mais furiosa contra o trânsito caótico que não conseguia organizar e as pessoas que passavam a seu lado meio amedrontadas, fingindo indiferença.

SÁBADO, 17 DE JULHO

Sob a chuva

A manhã chuvosa esvazia as ruas, Copacabana perde seu ar praiano. Nos bares, as mesas de calçada protegidas de cortinas plásticas estão ocupadas por clientes vestidos com roupas de inverno. Bem diferentes daqueles outros *seminus* que fazem o agito do verão.

Os quatro velhinhos gays tomam chope, só um deles está diante de um copo de vinho. Olham os passantes, trocam pequenos comentários com um jeito irônico e divertido.

Na feirinha da minha rua, uma menina me dá uma receita de sopa de banana verde: cortá-la em fatias finas, fritá-las e depois misturar em caldo de carne. Na Barata Ribeiro, em frente a uma academia de ginástica, um conjunto nordestino formado de sanfona, zabumba e reco-reco, toca uma música cujo refrão repete se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. As pessoas dançam.

TERÇA-FEIRA, 3 DE AGOSTO

Andar por andar somente

Suas roupas são limpas e pobres, ela não se veste como as mulheres da sua idade, em Copacabana, que se vêem como jovens e desfilam em apertadas roupas esportivas. Seu cabelo é grisalho e não pintado de louro, como é costume por aqui. Nem sua pele é queimada pelo sol do último verão e agora, no inverno, começa a adquirir um tom meio acinzentado.

Ela também não se pinta em cores vermelhas. Passaria praticamente despercebida, em sua tonalidade de vestes escuras. Não teria chamado a atenção se não caminhasse todas as tardes, em volta do mesmo quarteirão, todos os dias: o quadrilátero formado por Barata Ribeiro, Paula Freitas, Nossa Senhora de Copacabana, República do Peru e novamente Barata Ribeiro, continuamente.

Fuma sem parar, olha sempre para o chão. Alheia ao movimento das ruas, às pessoas que passam a seu lado, ao trânsito louco do fim do dia.

SÁBADO, 7 DE AGOSTO

Na fila dos idosos

A velha senhora se dirige à outra e reclama de ver escrito no cartaz que aquela fila é para pessoas da melhor idade. Melhor em que? pergunta ela, pois a fila é longa e demorada. Um senhor de cabelos brancos e tez queimada de sol, de ar altivo, também reclama. Os amigos estão lhe esperando na praia para o jogo de peteca e a fila não anda.

Lá adiante, um outro identifica a causa de tanta demora: uma velhinha esqueceu de comprar dez pães que o filho encomendara, pediu para o caixa esperar e foi buscá-los no fundo do supermercado, onde fica a padaria.

A senhora que reclamou do slogan da melhor idade diz com ar pensativo que as outras filas, nos outros caixas, estão mais longas. E comenta que nelas estão muitos idosos que evitam a caixa preferencial e preferem esperar nas outras, mais demoradas, pois não acreditam que estejam vivendo a melhor das idades.

SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO

Fausto

A primeira vez em que percebi a sua presença foi num restaurante chinês que existiu na rua Bolívar. Escutei uma voz poderosa e alta dizer “Karl Marx era veado!” e me virei para olhar. Tratava-se de um sujeito muito grande, na companhia de uma loura muito bonita, a quem certamente queria impressionar.

Depois nos aproximamos por intermédio de um amigo em comum. Conhecí os seus livros, acompanhei suas crônicas nos jornais em que escreveu. Bebíamos juntos, de vez em quando. Discutíamos sempre porque eu era incapaz de acompanhar seu pensamento que contestava tudo.

Foi um dos maiores talentos da nossa geração. Nunca aceitou as coisas da forma como lhe foram apresentadas. Talvez tivesse vindo ao mundo para contradizer e agitar o marasmo medíocre que nos ameaça a todos numa vida devagar. Ele é um dos que fazem falta.

QUINTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO

Prostíbulos

A velha profissão sofreu um baque com o fechamento da Help mas outros supermercados do sexo se espalham nas ruas, termas e boates de Copacabana. De noite, a Avenida Atlântica continua no comando do trotoir feminino e masculino, embora estas noites de frio tenham prejudicado o movimento. A pouca roupa necessária à exibição do corpo inviabiliza a amostra mas dá uma chance maior às mais feias ou muito magras, que podem assim disfarçar a desvantagem na concorrência com as mais exuberantes.

As jovens expulsas da Help foram para a rua enfrentar o frio. Penso que são poucas as que puderam ser aproveitadas nas arenas de alto luxo como La Cicciolina ou Scotch Bar, a maioria ficou mesmo nas calçadas.

Existem mulheres – e homens – à venda em locais muito caros ou muito baratos, em qualquer faixa de preço. Todos jóvens. O garçon de um botequim certa vez observou que não existem mais prostitutas velhas como antigamente, porque hoje as drogas tiram delas a chance de envelhecer.

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE AGOSTO

Grades

O medo acompanha os habitantes da cidade porque a violência ameaça cada vez mais perto. Os condomínios buscam proteção por câmeras encarregadas de vigiar a vizinhança. Algumas são falsas câmeras, mais baratas, com o objetivo de apenas intimidar. Junto com as grades, instaladas em todos os edifícios, elas transmitem uma fraca sensação de segurança e paz, pois os jornais noticiam assaltos, praticados por atacado, em vários apartamentos numa mesma ação.

As grades de Copacabana começam a exibir algum estilo, como se as pessoas procurassem transmitir uma certa visão estética diante de um pesadelo. O amigo que mora em Belo Horizonte foi quem me chamou a atenção. Seu olhar descobriu formas diferentes, desenhos originais e traços diferenciados nas grades aqui do bairro.

Da mesma maneira como a cada dia mais nos acostumamos a conviver com a violência da cidade, vamos também perdendo a capacidade de descobrir o belo nas coisas simples que simbolizam o nosso modo de ser prisioneiros.

QUINTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO

Na escuridão

O homem estava sentado numa mesa próxima, o restaurante estava cheio e ele estava só. Olhava para a frente sem mirar ninguém, o olhar era parado, o pensamento absorto, longe do burburinho. Em seu prato havia uma salada de folhas verdes. Uma taça de vinho branco, ao lado, permanecia intocada. Ele remexia as folhas com o garfo e não comia.

Era um tipo moreno de cabelos pretos e pele bem cuidada que revelava cuidadosa exposição ao sol. Os dedos que pegavam o garfo eram de unhas bem tratadas por manicure e sua roupa cinza com paletó e uma gravata discreta traduziam equilíbrio e bom gosto.

Mas ele estava só, penso que talvez como nunca estivera, pois seu pensamento distante franzia-lhe a testa em um vinco que parecia uma cicatriz de angústia. Permaneceu assim durante todo o tempo em que fiquei por ali e depois pedí a conta e mergulhei no movimento da rua.

SÁBADO, 11 DE SETEMBRO

Políticos

Marquinhos estava ontem na rua com seu rádio nas mãos, longe dos ouvidos. O rádio é mudo mas ele não se importa e costuma postar-se na esquina de Barata Ribeiro com República do Peru escutando o que deve ser música, pois dança balançando as pernas.

Marquinhos estava seletivo, na tarde de ontem. Não xingava todos os passantes, como costuma fazer, nem se dedicava a dirigir o trânsito caótico daquela esquina. Concentrava-se nas pessoas que seguravam cartazes de propaganda política e disparava sua algaravia, de olhos esbugalhados, na direção das fotos dos candidatos.

Nas campanhas eleitorais, os políticos contratam pessoas muito pobres para se postarem em locais de grande tráfego empunhando sua propaganda. Marquinhos, indignado, ignorava os que seguravam os cartazes em frente à estação do metrô e se dirigia aos políticos que se exibiam nas fotos, esculhambando os rostos sorridentes, para os quais apontava o dedo gritando palavras que não existem. Mas era fácil imaginar o que diziam.

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO

Primavera

Sol entrecortado de chuva marca o início da primavera e prepara a chegada do verão, numa cidade que hiberna até setembro, para despertar no calor. Um amigo diz pela internet que os pássaros de Ipanema, onde mora, enlouqueceram e começaram a cantar desesperadamente, antes mesmo de o sol nascer. Outro amigo diz que esta aflição dos passarinhos deve-se à busca das fêmeas para o acasalamento da primavera.

Num país com tão poucos traços das quatro estações, das quais apenas duas marcam realmente sua presença, os sinais da primavera trazem a agradável surpresa de assistirmos ao desabrochar das plantas, do desejo dos pássaros e ao nascimento das flores. Em Copacabana, os botões franzinos se abrem timidamente nos jardins das calçadas em frente aos edifícios.

Talvez tenhamos nos esquecido do calor que fez no ano passado, antes mesmo de o verão chegar. A presença antecipada de tantos turistas, brancos e louros, ocupando a orla do mar, é um sinal do quente verão que nos espera. Eles, como os insetos alados atraídos pela luz, antecipam a intensidade do calor que irá fazer antes do fim do ano.

SEXTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO

Coisas íntimas

Na mesa da esquerda dois homens conversam, quase bêbados. Um deles faz confidências ao outro. Não é muito comum homens confessando coisas íntimas, a não ser quando bêbados. As mulheres, ao contrário, expõem mais facilmente os seus sentimentos.

O homem gordo dizia ao outro que nunca se sentiu à vontade no casamento, parecia que ela, a mulher, enquanto ficaram juntos alimentava um certo sentimento de hostilidade que os afastou. Ele diz que segurou a situação enquanto pôde até o dia em que arrumou algumas roupas numa mala velha e saiu de casa. A antiga hostilidade transformou-se em ódio.

Ele continuou a falar, o outro escutava com interesse. Acrescentou que já se sentia cansado de se defender perante juizes e delegados de acusações por conta de agressões que nunca praticou, de pensões de alimentos que não devia e de intrigas espalhadas no trabalho e entre seus amigos. Ficaram muito tempo conversando. Procurei desviar minha atenção, pois comecei a me sentir violando o sofrimento de um homem quase bêbado, num botequim de Copacabana.

QUINTA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO

Minissaia

Nos anos sessenta, as mulheres encurtaram a saia em 20 centímetros acima dos joelhos e ficaram mais femininas. Mais ou menos na mesma época, feministas radicais queimaram os sutiãs. Embora por motivos diferentes, os dois movimentos melhoraram bastante o visual da mulheres, as feias que me perdoem.

Disputam a autoria da minissaia a inglesa Mary Quant, o francês André Courreges e a americana Helen Rose, mas na China da Idade Média a saia curta Miao, que mal cobria as nádegas, foi uma novidade a causar certo frisson.

A partir dos anos 60, as mulheres nunca mais abandonaram a moda das saias muito curtas. Nos colégios religiosos, as meninas, longe da disciplina das professoras, costumam dobrar a bainha da cintura, encurtando a saia do uniforme escolar, para desfilarem pelas ruas de Copacabana. As fêmeas, em todas as espécies, têm sempre uma maneira mais ou menos sutil de atrair os machos e, assim, garantirem a preservação da espécie.

QUARTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO

Amor no trem

As duas meninas estavam uma de frente para a outra, no vagão lotado do metrô. Elas se olhavam com a intensidade de amantes surpreendidas pelo desejo, quando o mundo em volta desaparece e só passa a existir a vontade dos corpos, a desesperada vontade dos corpos de se abraçar e de se unir. Elas balbuciavam sussurros da boca para o ouvido uma da outra, no meio da multidão apertada dentro daquele vagão, às cinco em ponto da tarde.

Os sussurros eram acompanhados de sorrisos leves e de olhares fixos um no outro, dava quase para se ouvir a respiração ofegante de uma e de outra, alguma coisa intangível quase que as sufocava dentro do vagão apertado e de repente elas aproximaram as bocas abertas e as juntaram coladas num beijo profundo.

Poucos passageiros viram, nenhum deles disse nada, alguns olharam com atenção. Elas saltaram quase abraçadas na Estação Botafogo, eu me lembrei de "O poço da solidão", de Radclyffe Hall, a história de Stephen, de nome Mary Olivia Gertrude, e do seu desengano diante do preconceito na Inglaterra de 1928. Oscar Wilde, falando sobre o livro, resumiu assim: "As circunstâncias são as marcas de chicote que a vida deixa em cada um de nós. Alguns as recebem com as alvas costas inteiramente nuas..."

SÁBADO, 6 DE NOVEMBRO

Recordações de Paris

No fim da tarde, os quatro velhinhos gays tomavam chope na mesa do botequim. Olhavam os rapazes que vinham da praia, alguns com pranchas de surfe, e falavam de Paris. Todos conheciam bem a cidade e os lugares que um dia estiveram na moda. Citaram os nomes do La Coupole, Café de Flore, Les Deux Magots, Brasserie Lipp...

Paris já foi a capital gay do mundo mas parece ter sido destronada por Berlim e o Rio de Janeiro tem aparecido como um dos destinos turísticos preferidos por essa comunidade sempre atenta a novidades.

Os quatro velhinhos falavam com nostalgia, suas vozes denotavam o sentimento que acompanha recordações antigas e boas. O que se apóia numa bengala e anda com dificuldade acendeu um cigarro e se dirigiu em voz alta para os outros “nós eramos muito felizes, vocês concordam?”

QUINTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO

A guerra

Os dois soldados gordos com divisas de sargento foram tirados das escrivanimhas e colocados na rua. O porte desajeitado e o volume dos ventres revelam que há muito perderam o costume de ficar em pé, vigiando movimentos suspeitos. Procuram um encosto confortável nas paredes da esquina de Copacabana, as ruas estão mais vazias.

No twitter, alguém escreve bem cedo “good morning, Vietnam!”, outro se diz surpreendido com o bom trânsito da Barra para o centro da cidade e um terceiro pergunta como é possível separar os fatos dos boatos. E circulam notícias sobre mais ônibus e mais automóveis incendiados.

Alguém manda um recado aos traficantes: “senhores, favor queimar apenas os carros dos seus clientes”. A cidade está com um clima abafado, o sol encoberto por núvens e névoa, a temperatura é de 30 graus e o verão está chegando. Ainda é primavera.

TERÇA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO

O bolina

Em *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, Luiz Edmundo exhibe seu talento de repórter e descreve com precisão como era a cidade na virada do Século XX. Descreve cada uma das ruas do centro. Seus prédios, lojas, cafés. E também a gente que habitava o Rio provinciano e calmo dos anos 1900.

Entre os tipos da época, ele destaca o bolina, o sujeito que subia nos primeiros bondes elétricos, sempre cheios, para se encostar nas mulheres e usufruir de um arriscado momento erótico. Havia escândalos de juntar gente, pois nem sempre as damas aceitavam sem protestar a intimidade do contato físico roubado pelo bolina. Edmundo acusa de serem adeptos da bolinagem algumas figuras importantes do seu tempo.

Parece que o metrô contemporâneo trouxe de volta a personagem, a ponto de terem reservado um carro exclusivo para mulheres, com o objetivo de protegê-las do assédio infame do bolina. Mas tenho visto alguns espertos bolinas pulando para o carro feminino, nas horas de pico. Dentro do vagão lotado de mulheres, eles procuram situar-se estrategicamente para o encosto, enquanto exibem um jeito cândido e um olhar distraído mirando um horizonte inexistente.

SÁBADO, 29 DE JANEIRO

Verão

Sob calor superior a 40 graus, Copacabana faz a alegria dos banhistas numa praia entulhada de corpos molhados de suor. Turistas acotovelam-se na beira-mar, a água fria provoca choques térmicos e os vendedores suados, bufantes, cobrem o espaço da areia com seus produtos contra a sede. O vendedor de sacolé fatura R\$12 mil por semana e o de água de coco R\$400 por dia.

Na Barata Ribeiro, os bares estão com todas as mesas ocupadas e reclamam da pontualidade na entrega do chope. As fábricas não conseguem atender aos pedidos, a produção ocupa toda a capacidade instalada. Os clientes esvaziam o copo de uma só vez, ávidamente, a curtos goles, quase sem respirar.

Os velhos se abanam, disputam a sombra, o sol atravessa os chapéus, muitos desejam chuva ao mesmo tempo em que revelam o temor da destruição que pode trazer. Na esquina, Marquinhos, também molhado de suor, vocifera, olha para o céu e cospe para cima.

SEXTA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO

Esquentando os tamborins

A enchente do mês passado na região serrana do saiu das páginas dos jornais e do noticiário da TV. Novas notícias, outros acontecimentos dramáticos tomaram o lugar dos mortos de Friburgo, Teresópolis e Itaipava.

As vítimas foram estimadas em mais de mil e muitas ainda se encontram sob os escombros. O barro que restou no caminho das águas enterram os corpos em sepulturas desajeitadas. Muitos jamais serão encontrados e permanecerão para sempre na conta de pessoas desaparecidas.

O luto pelos mortos passa rápido na memória dos vivos. Restam como trágicas lembranças a leishmaniose, a leptospirose, a hepatite A e a toxoplasmose. Pois agora é tempo de festa, do carnaval que excita as multidões e as leva para as ruas exaltando a vida.

SEXTA-FEIRA, 4 DE MARÇO

Pássaros

Os pardais que habitavam Copacabana vieram de Lisboa mas foram quase todos expulsos pelos pombos. Outros pássaros, no entanto, parecem desafiar esses inimigos e frequentam o bairro com alguma desenvoltura. Povoam as árvores da Barata Ribeiro e os jardins das coberturas.

Eles vêm das matas que ainda existem no cocoruto dos morros dos Cabritos, São João, Babilônia, Uribu e do Leme. Ornitólogos consideram que, apesar de todas as condições precárias que existem para a vida nas grandes cidades, o número dos pássaros urbanos vem aumentando. Aqui no bairro, basta prestar atenção. Eles estão por aí.

Sabiás, beija-flores, bem-te-vis, cambacicas, canários, quero-queros, sanhaços, andorinhas, trinca-ferros, rolinhas. Os papagaios passam com seu canto rouco e vôo desajeitado pela manhã e regressam no fim da tarde ao Morro de São João. Um ou outro tucano, de vez em quando, aparece para surpreender. Sem contar as aves marinhas em seu incansável mergulho no mar para sobreviver.

TERÇA-FEIRA, 22 DE MARÇO

Manhã cedo

Os botequins da Barata Ribeiro e os quiosques da praia abrem muito cedo, alguns sequer chegam a fechar. As boates e clubes noturnos atravessam a madrugada. Às primeiras horas, Copacabana mostra seus contrastes. Nos bares das calçadas, alguns tomam o café da manhã e outros bebem cerveja após a noite movida a outros prazeres menos inocentes.

A paisagem humana é diversa. Há os que se preparam para o trabalho no desjejum de café com leite, pão e manteiga. Dividem o bar com os boêmios que vêm da véspera e as moças de programa despejadas na rua com o fechamento das boates e que esticam num último gole antes do sono. De olhos vermelhos, observam os que vão andar ou correr no calçadão.

Eles não se misturam. Uns comem sozinhos, outros bebem cerveja ainda animados e os atletas andam a passos apressados em direção à praia. As velhas senhoras seguem para a primeira missa da manhã e olham desconfiada e silenciosamente na direção dos bares.

SEXTA-FEIRA, 25 DE MARÇO

Previsão do tempo

Um outono envergonhado veio amenizar o calor do verão mas o sol ainda fornece alegria a quem não dispensa a praia. Os vagões do metrô continuam a despejar os banhistas que vêm do subúrbio para Copacabana pelo caminho mais curto criado pelo acesso direto da Linha 2. O movimento é apenas pouco menor que o do verão e as chuvas anunciadas devem ter estacionado no Rio Grande do Sul, quando não escapam para São Paulo.

Os meteorologistas do nosso Hemisfério dificilmente acertam em seus palpites, que esbarram na inconstância do tempo ao Sul do globo terrestre. Enquanto ao Norte as estações do ano são bem definidas e as condições do clima apresentam-se previsíveis e imutáveis, possibilitando saber o tempo que vai fazer com grande antecedência, por aqui o regime de ventos e o caminho das núvens mudam a cada instante.

No Brasil, o único boletim meteorológico em que se podia realmente confiar era o da Rádio Tabajara de João Pessoa, que contemplava todas as hipóteses: "tempo bom com nebulosidades, sujeito a chuvas e trovoadas".

QUINTA-FEIRA, 31 DE MARÇO

Animais de estimação

O pequeno poodle, inteiramente molhado, treme sob o chuveiro da mangueira operada pela moça da loja de animais. Sairá com o pelo enxuto, perfumado e aliviado do sofrimento que passou no corte do pelo e na tortura do banho. Sua dona, uma mulher de ar deprimido, aguarda o final do tratamento enquanto passeia pela loja e compra comida para o poodle.

Do lado de fora, enquanto olha para a vitrine, uma mulher negra protesta em voz baixa e diz que Copacabana tem tantos mendigos sujos e famintos enquanto aquele cão recebe tantos cuidados.

Ouçõ e penso que a miséria dos mendigos do bairro não consola a mulher deprimida que compra comida para o cão. Talvez desperte sua compaixão. Mas a solidão vivida nos pequenos apartamentos explica tanto amor pelos bichos e a existência de tantas lojas especializadas no luxo dos animais de estimação.

SEGUNDA-FEIRA, 11 DE ABRIL

Segunda-feira

O bairro amanheceu com o trânsito parado nos engarrafamentos. As fábricas de automóveis, produzindo mais de 3 milhões de unidades por ano, despejam esses novos modelos nas ruas. Qualquer dia poderemos despertar e assistir ao nó definitivo. O metrô, depois do fim da baldeação no Estácio, caminha para se igualar ao de Tóquio, onde os passageiros são empurrados com o pé para dentro dos vagões lotados.

Marquinhos, em seu delírio, tenta organizar o trânsito, cospe no chão e grita com os motoristas palavras que não articula mas que sabemos ser de ódio pelos olhos esbugalhados. As crianças reunidas diante da escola municipal ainda mostram um certo olhar de perplexidade e tristeza.

As previsões do tempo insistiram nos boletins de muita chuva para estes dias, acompanhada de raios e trovões, talvez houvesse enchentes. Mas o sol insiste e contradiz, apareceu em céu claro e as praias continuam cheias. Os turistas ainda estão por aí, de pele avermelhada, as meninas em vestidos leves e sandálias havaianas.

QUARTA-FEIRA, 13 DE ABRIL

La Tour d'Argent

Na mesa ao lado, os quatro velhinhos gays discutiam com o garçon e um deles liderava a indignação de todos contra o aumento no preço do prato. Eles costumam almoçar juntos, sem fidelidade a um único local mas estão sempre nos botequins da Barata Ribeiro, nos três blocos e meio entre Paula Freitas e Rodolfo Dantas.

“Reclama do galego”, disse o garçon, com receosa discrição e olhando para a caixa registradora; atrás dela sentava-se o dono do botequim. Mandaram chamá-lo e o mais alto deles, o que se veste com elegância, faz as sobranceiras e usa uma bengala, procurou saber a razão daquele preço por um magro filé de peixe.

O dono do botequim acentuou o sotaque da Galícia e informou que estava comprando o peixe bem mais caro porque é assim todo ano na época da Páscoa. Um dos velhinhos riu com ironia e disse que por aquele preço nem o coelho da Páscoa. O da bengala, antes de recolher entre eles o dinheiro para pagar a conta, disse com desprezo que um botequim de terceira classe em Copacabana estava cobrando mais caro do que La Tour d'Argent, quando ele morava em Paris.

SEXTA-FEIRA, 15 DE ABRIL

Ivan

Sua forte compleição atlética trabalhada com halteres pesados e um rosto fechado, com a moldura de um cavanhaque negro, completavam sua figura e o papel de homem mau que gostava de desempenhar. Exibia sua valentia. Quando bêbado, aumentava o volume da voz poderosa e todos se calavam, o bar ficava num silêncio amedrontado que nem parecia um bar.

Vestido de uma sunga de praia, viajava de moto nos fins de semana para Arraial do Cabo e passava a tal velocidade pela blitz da Polícia Rodoviária, em São Pedro da Aldeia, que os policiais não tinham ânimo de persegui-lo.

Gostava de armas. Calou o barulho de uma festa no apartamento de frente com um tiro certo no aparelho de som. Tinha medo de baratas e ternura pelos amigos. Na convivência, revelava-se um sentimental que não suportou a solidão. Naquela noite, bebeu uma garrafa de vodka, entrou no mar, nadou até muito depois da arrebentação e ficou lá para sempre.